

DISTRIBUIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DAS OCUPAÇÕES HUMANAS PRETÉRITAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Valdeci dos Santos Júnior¹

Alano Jaciguara Dantas de Alencar Martins²

RESUMO

Esse artigo aborda uma pesquisa da distribuição dos padrões de assentamentos pretéritos através de vestígios arqueológicos, assim como de suas cronologias, no estado do Rio Grande do Norte, oriundas de pesquisas acadêmicas e arqueologia preventiva. Os resultados indicam a existência de ocupações humanas desde o início do Holoceno Inferior (10270AP) até o período colonial brasileiro (479AP), em diversos contextos geográficos do estado.

ABSTRACT

This article addresses research into the distribution of past settlement patterns through archaeological remains, as well as their chronologies, in the state of Rio Grande do Norte, originating from academic research and preventive archeology. The results indicate the existence of human occupations from the beginning of the Early Holocene (10270AP) until the Brazilian colonial period (479AP), in different geographic contexts of the state.

INTRODUÇÃO

As pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas décadas no Estado do Rio Grande do Norte, vêm obtendo datações diretas e indiretas, que comprovam a presença humana desde o início do Holoceno até períodos mais recentes, em diversas regiões do estado.

No Seridó oriental, por exemplo, foi possível estabelecer um quadro cronológico que demonstra um processo de povoamento no Holoceno inferior, com datações em torno de ± 9400 anos AP, para enterramentos infantis escavados nos sítios Pedra do Alexandre e Mirador de Parelhas, com ocupações cronológicas que, em média, variam entre ± 1000 anos AP a 2500 anos AP, além de uma

1 UERN - Arqueólogo

2 Arqueólogo



datação de 479 ± 27 AP. (530-455 cal AP. – CSIC-2062), recentemente obtida para o sítio arqueológico Casa Santa, que podem indicar uma continuidade da ocupação humana, até períodos cronológicos iniciais da colonização portuguesa no Brasil (MUTZENBERG, 2007; MARTIN.; MAFRA, F. ; SENA, V.K.; ALMEIDA, DE M.; SALDANHA, R.M.; NOGUEIRA, M.A.; BARBOSA, C. C. A, 2008). Mais recentemente, foram obtidas datações para sítios líticos a céu aberto, no município de Carnaúba dos Dantas, que comprovaram ocupações pretéritas entre 3760 ± 811 anos A.P e 900 ± 30 anos A.P. (NOGUEIRA, 2017).

No município de Angicos, também foram obtidas datações arqueológicas que evidenciam a antiguidade das ocupações humanas primitivas no RN. No sítio arqueológico denominado Angico, situado na Fazenda Bom sucesso, foram realizadas intervenções arqueológicas pelos pesquisadores Gaston Laroche e Vicente Giancotti no interior de uma furna rochosa e em terraço fluvial no riacho da Volta, que apresentaram vestígios culturais de ocupações humanas com utilização de material lítico, nas quais o perfil cronoestratigráfico apresentou datações entre 505 a 3370 anos AP. Com as pesquisas nesse sítio, foram coletadas amostras de carvão e detectada a presença de material lítico em níveis mais antigos abaixo de 40 cm, em que aparece uma indústria de lascas retocadas (vezes plano-convexas) com datações entre 8000 a 9000 AP (BERTRAND, 2008; PROUS, 2019). Também no município de Angicos, na Fazenda Flores, foi escavado um abrigo rochoso com material lítico que apontou para uma ocupação em 4150 AP (SANTOS JÚNIOR, 2013). No sítio Pedra do Balcão, foram coletados 148 vestígios arqueológicos a uma profundidade de até 2m e o Professor Laroche admitia que esse pudesse ser um dos sítios mais antigos do estado, com cronologia de até 10270 AP (LAROCHÉ, 1988).

No município de Santana do Matos, foi obtida, em 2016, uma datação de 2778 AP em gravuras rupestres, no sítio arqueológico da Serra do Papagaio III (SANTOS JÚNIOR; OLIVEIRA, 2018). No município de Jucurutu, foram obtidas, em 2022, datações pelo método da microerosão do granito em percutores líticos, utilizados para elaborações de gravuras rupestres, que ficaram no intervalo cronológico entre 2090 AP até 670 AP (SANTOS JÚNIOR, 2022).

Já em direção ao litoral setentrional potiguar entre os municípios de Assu e Macau, foram identificados 18 sítios arqueológicos (entre 2003 e 2007) com vestígios líticos e cerâmicos, principalmente, em paleocascalheiras expostas à margem direita e em setores de tabuleiros, próximos ao rio Assuú, que oferecem sílex de excelente qualidade usado pelos grupos caçadores-coletores do Holoceno Tardio com datações entre 3380 BP e 800 AP (SILVA-MENDES, 2008).

Na Chapada do Apodi, no município de Caraúbas, foram obtidas datações diretas em gravuras rupestres no sítio Fazenda Pedra Pintada no ano de 2016, através do método direto de microerosão do granito, com cronologias de $5040 \pm 198/-119$ AP a 2540 ± 158 AP (SANTOS JÚNIOR; VALLE; LAVALLE; OLIVEIRA; BEDNARIK, 2018).

Portanto, as evidências cronológicas das ocupações humanas primitivas estão presentes em diversos contextos geográficos do Rio Grande do Norte (Figura 01).

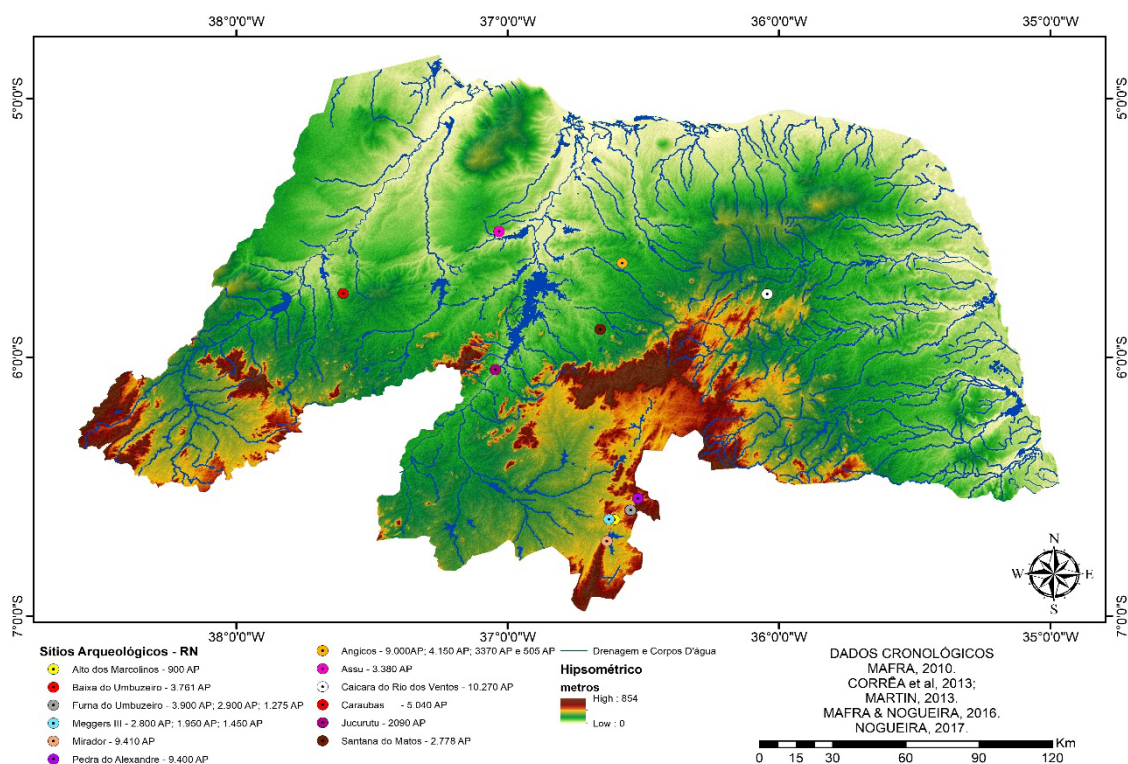


FIGURA 01: MAPA COM A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM DATAÇÕES EFETUADAS POR PESQUISAS ACADÊMICAS E DE ARQUEOLOGIA PREVENTIVA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. FONTE: OS AUTORES.

Para que seja possível entender a distribuição espacial dessas ocupações, será necessário tecer algumas considerações sobre os aspectos teóricos da arqueologia da paisagem.

ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM E A TIPOLOGIA DOS PADRÕES DE ASSENTAMENTOS

Na atualidade, uma das vertentes teóricas da arqueologia que utiliza o método indutivo é a arqueologia da paisagem, também conhecida como arqueologia ambiental (ISNARDIS, 2009). Em suas primeiras análises, a arqueologia da paisagem adotava principalmente dois enfoques: um de inspiração norte-americana, ligado à pesquisa de antigos jardins, e outro, de inspiração europeia, que se fundamenta exatamente na interface arqueologia/geografia. Já a corrente francesa em seus primórdios teria uma forte visão ecológica e geográfica, com métodos cartesianos através do uso de modelos matemáticos e criação de padrões e modelos estatísticos, em que a paisagem passa a ser vista como resultante da integração entre os aspectos físicos da paisagem e o uso que o homem faz deste espaço e seria uma espécie de junção da arqueomorfologia com a Arqueologia Agrária, a influência da Arqueologia Espacial inglesa e influência da Ecologia Biológica nas Ciências Humanas (OLIVEIRA, 2007).

Essas visões da arqueologia da paisagem influenciadas pela antropologia ecológica e pela geografia



permitem que o olhar sobre o passado se insira num contexto mais amplo sendo apreciada através da paisagem e como os grupos humanos pretéritos estabeleceram seus assentamentos na paisagem natural em busca da sobrevivência.

Os padrões de assentamentos estão vinculados a um tipo de abordagem que ficou conhecida também como “arqueologia espacial”, ou seja, na qual a articulação entre o homem e o seu meio ambiente é analisada em função da aplicação de técnicas quantitativas/estatísticas e de modelos preditivos de ocupação do espaço, procurando-se com objetividade captar regularidades que permitam definir padrões de povoamento e tipificar a relação de uma comunidade com o seu meio, tendo quase sempre subjacente o princípio da otimização dos recursos (HODDER; ORTON, 1990).

No Rio Grande do Norte, a tipologia desses padrões de assentamentos humanos primitivos (com datações anteriores à chegada dos colonizadores europeus), está diretamente relacionada aos aspectos geográficos dos ambientes dessas ocupações, sendo possível sintetizar as características geoambientais desses assentamentos, nas seguintes categorias:

- a) Assentamentos litorâneos: grupos marisqueiros e horticultores em ambientes dunares, com a elaboração de utensílios cerâmicos e utilização de artefatos líticos, para utilização na pesca, agricultura e na caça da pequena fauna. Os vestígios arqueológicos (principalmente líticos e cerâmicos) desses assentamentos, são bem mais intensos nas proximidades da foz de grandes ou médios cursos hídricos, tais como, o rio Piranhas/Açu, o rio Apodi/Mossoró, o rio Potengi, rio Trairi, rio Curimataú, por exemplo.; entretanto, cabe alertar que, em quase todos os municípios litorâneos e pré-litorâneos (até 30 km costa marítima potiguar), podem ser observados sítios arqueológicos desses assentamentos pretéritos em ambientes dunares;
- b) Ambientes serranos: assentamentos de grupos ceramistas para a prática da agricultura e atividades extrativistas (coleta de frutos), com a elaboração de utensílios cerâmicos, utilização de artefatos líticos (visando a caça da pequena fauna) e a prática da arte rupestre (simbolismo). Os assentamentos pretéritos foram mais evidentes no espaço geográfico de municípios, tais como, Florânia, Lagoa Nova, Cerro Corá, Bodó, Tenente Laurentino Cruz e São Vicente; nas serras de Martins, Portalegre e Francisco Dantas; nas serras dos municípios de Monte das Gameleiras, Serra de São Bento e Sítio Novo;
- c) Ambientes de baixa altimetria (áreas de planícies inseridas na depressão sertaneja e tabuleiros pré-litorâneos) e nas margens dos cursos de água; assentamentos de grupos ceramistas, pesqueiros e atividades extrativistas, com a elaboração de utensílios cerâmicos (prática da agricultura), artefatos líticos (caça da pequena fauna) e a prática da arte rupestre (simbolismo). Os vestígios arqueológicos decorrentes dos assentamentos pretéritos, principalmente líticos e arte rupestre, são percebidos (com mais intensidade) em alguns municípios da região central (Afonso Bezerra, Angicos, Lajes, Pedra Preta e Pedro Avelino); no Vale do Açu, principalmente e com maior intensidade, nos municípios de Assu, Jucurutu e São Rafael; na Chapada do Apodi, nos municípios de Apodi e Caraúbas; no médio



Oeste e alto oeste, nos municípios de Campo Grande, Paraú, Upanema, Itaú, Marcelino Vieira, Taboleiro Grande, Tenente Ananias, Antônio Martins, Patu e Serrinha dos Pintos.

Entretanto, torna-se necessário alertar que, possivelmente, havia um grau elevado de mobilidade espacial nos assentamentos desses grupos primitivos, tendo em vista as alterações climáticas sazonais e interanuais (ciclos de secas, por exemplo), fazendo com que nesses deslocamentos (temporários ou permanentes), fossem utilizadas rotas migratórias.

POSSÍVEIS ROTAS MIGRATÓRIAS UTILIZADAS

O caminho natural das comunidades primitivas para os deslocamentos eram os cursos de água que, normalmente, só possuem fluxos hídricos em toda sua extensão nos períodos chuvosos. As duas grandes bacias hidrográficas do estado, Piranhas-Açu e Apodi-Mossoró, eram as rotas naturais desses grupos pretéritos das regiões Central e Oeste potiguar, respectivamente, em direção à costa, principalmente, nos períodos de secas ou quando da alternância dos ciclos frutíferos (caju, por exemplo). Outros rios utilizados nesses possíveis fluxos migratórios seriam o Potengi, Trairi, Jundiaí, Jacu e Curimataú, que têm suas nascentes na região interiorana e fozes na costa leste do estado.

Entretanto, outros fatores podem ter contribuído para as mobilidades migratórias em solo potiguar; entre eles, a busca por matérias-primas rochosas para lascamentos, principalmente o silexito, muito abundante nos municípios de Angicos, Lajes, Fernando Pedroza, Pedro Avelino, Afonso Bezerra, São Rafael, Santana do Matos, Itajá, Ipanguaçu e Assu). Essa obtenção do silexito, com a utilização das vias hidrográficas do Rio Piranhas/Açu, pode ter contribuído para a mobilidade (migrações) desses grupos pretéritos que poderiam seguir o caminho natural do Riacho Salgadinho indo na direção sudeste, até se encontrar com o rio Salgado (ou Amargoso), para, em seguida, ir à direção Nordeste, até desaguar no rio Piranhas/Açu (próximo ao delta estuarino), num percurso médio de 50 km ou para o rio Piranhas/Açu, na direção oeste, num percurso de 43 km (SANTOS JÚNIOR, 2013).

A partir do delta que constitui a foz do rio Piranhas/Açu, por exemplo, existe uma série de sítios arqueológicos dunares com vestígios de silexito (com núcleos, lascas e instrumentos) em direção ao Leste para os municípios de Macau, Guamaré, Galinhos, Caiçara, São Bento do Norte, São Miguel do Gostoso, Touros, indo até o litoral oriental na divisa com o estado paraibano; e na direção Oeste para os municípios de Porto do Mangue e Areia Branca chegando até a divisa com o estado cearense (ALBUQUERQUE; SPENCER, 1994; NASCIMENTO; LUNA, 1997; SILVA, 2003;).

Já em direção ao Seridó potiguar, os caminhos naturais são os tributários que desaguam no rio Piranhas/Açu que segue na direção Sul, que, por sua vez, recebe as águas do rio Seridó (no município de São Fernando) para, em seguida, ir em direção Leste (onde se encontra com as águas do rio Acauã) chegando, portanto, à



região do Seridó onde também aparecem instrumentos líticos de sílex (MARTIN, 2013). Outros caminhos migratórios naturais desse processo seriam dois rios, Ceará-Mirim e Potengi, que tem suas nascentes próximas à região Central e da Serra de Santana seguindo na direção Leste até desaguar no litoral Oriental.

Finalmente, um indício que poderia permitir levantar inferências sobre essas mobilidades dos grupos pretéritos está ligado ao simbolismo rupestre, no qual existem representações em vários sítios arqueológicos do Seridó Potiguar e na região Central, com morfologias assemelhadas a embarcações. Contudo, não é possível constatar se havia a utilização de embarcações por essas comunidades primitivas nessas rotas migratórias. O que foi possível, efetivamente, constatar até agora pela arqueologia, foi a prática da navegação em canoas monóxilas na Lagoa de Extremoz, no atual município de Extremoz (próximo ao município de Natal), por grupos indígenas há 700 AP (RIOS; LAVALLE; LINS; SANTOS JÚNIOR, 2015).

CONSIDERAÇÕES

O que se pode concluir de todas as escavações e pesquisas arqueológicas realizadas no estado do Rio Grande do Norte é a comprovação de padrões de assentamentos humanos desde o início do Holoceno Inferior (10270AP) até o período colonial brasileiro (479AP), a partir dos vestígios arqueológicos deixados por esses grupos com as tipologias de vestígios líticos, cerâmicos e da arte rupestre, assim como de vestígios orgânicos, tais como, fogueiras estruturadas e enterramentos.

Essas ocupações primitivas ocorreram durante o Holoceno em todas as regiões geográficas e ambientes naturais do estado, com uma maior intensidade de sítios arqueológicos já identificados na região central, Serra de Santana, Seridó Oriental e Seridó Ocidental. Para se ter uma ideia, somente com arte rupestre já foram identificados 381 sítios arqueológicos (até 2022) com simbologia rupestre, em todas as regiões do estado norte-rio-grandense. (SANTOS JÚNIOR, 2022). No Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do Instituto Histórico e Artístico Nacional, existe um total de 725 sítios arqueológicos oficialmente cadastrados, incluindo sítios com características e tipologias do período pré-colonial brasileiro e do período contemporâneo. (IPHAN-SICG, 2023).

O desconhecimento desse patrimônio arqueológico se reflete, também, na ausência de conhecimento mais aprofundado pela maior parte da população potiguar sobre a antiguidade dessa presença humana no estado do Rio Grande do Norte, aliada ao descaso das autoridades públicas, municipais e estaduais. Boa parte desses sítios arqueológicos são, diretamente ou indiretamente, afetados por obras federais, estaduais, municipais, da iniciativa privada e pelo turismo litorâneo. São os últimos resquícios culturais dos nossos antepassados que precisam ser preservados para a manutenção da memória dessas ocupações humanas primitivas.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. T. S.; SPENCER, W. B. Projeto arqueológico: “O Homem das Dunas”. Revista Clio Arqueológica, Recife, v. 1, n. 10, p. 175-188, 1994.
- BERTRAND, D. Os grupos caçadores-coletores do Rio Grande do Norte. Mneme revista de humanidades, Caicó-RN, v.09, n. 23, p. 45-59, 2008.
- HODDER, I.; ORTON, C. Análisis espacial en arqueología. Barcelona: Editorial crítica, 1990.
- ISNARDIS, A. Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais. 2009. 280 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- IPHAN – SICG. Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. Acesso: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico> 21 de março de 2023.
- LAROCHE, G. Nota preliminares sobre o sítio pré-histórico Casa de Pedra: município de Martins – RN. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1988. Série A, nº 28. (coleção mossoroense).
- MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. 5. ed. Recife: Edufpe, 2013.
- MARTIN, G.; BORGES, F. M.; SENA, V. K.; SALDANHA, R.M.; ALMEIDA, M.; NOGUEIRA, M.; BARBOSA, C. C. A. Levantamento arqueológico da área arqueológica do Seridó - Rio Grande do Norte - Brasil: Nota Prévia. CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife, v. 2, p. 01-18, 2008.
- MUTZENBERG, D. S. Gênese e ocupação Pré-histórica do Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do vale do rio Carnaúba – RN. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- NASCIMENTO, A.; LUNA, S. A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte – Brasil. Revista Clio Arqueológica – UFPE, Recife, v. 1, n. 12, p. 17-25, 1997.
- NOGUEIRA, M. A. A. Ocupações pré-históricas a céu aberto no vale do Rio da Cobra – Carnaúba dos Dantas e Parelhas – RN. 2017. 315 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- OLIVEIRA, J. C. L. Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo dos Sítios Pré-Coloniais da Zona da Mata Mineira. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- RIOS, C.; LAVALLE, H.; LINS, M.; SANTOS JÚNIOR, V. A canoa monóxila pré-histórica da Lagoa de Extremoz, RN, Brasil. Clio Arqueológica, Recife, v. 30, n. 1, p. 78-91, 2015.



SANTOS JÚNIOR, V. Arqueologia da paisagem: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores, microrregião de Angicos (RN). Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós- Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

SANTOS JÚNIOR, V. A simbologia rupestre do Rio Grande do Norte. Mossoró, RN: Edição Iphan, 2022.

SANTOS JÚNIOR, V. 2022. Relatório final sobre a preservação do patrimônio gráfico/simbólico dos sítios arqueológicos com gravuras rupestres na área da barragem de Oiticica. Processo SEI/IPHAN nº 01421.001554/2013-69. Com 330p.

SANTOS JÚNIOR, V.; OLIVEIRA, D.L. Datação de gravuras rupestres no Brasil: pesquisa e métodos arqueológicos. *Clio Arqueológica*, Recife, v34, n.1, p. 66-92, 2018.

SANTOS JÚNIOR, V.; VALLE, R.; LAVALLE, H.; OLIVEIRA, D.; BEDNARIK, R. Direct Dating of Petroglyphs in Rio Grande do Norte, Brazil. *Rock Art Research*, v. 35, n. 1, p. 85-97, 2018.

SILVA, M. L. Caracterização dos sítios arqueológicos em dunas do litoral oriental do Rio Grande do Norte, Brasil. 2003. 96f. Dissertação (Mestrado em História/concentração em Pré-História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA-MENDES, G. L. Arqueologia dos grupos caçadores-coletores do semi-árido potiguar: dados tecnológicos do baixo Assú-Piranhas (RN). *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó – Universidade Federal de Sergipe*, Canindé, n. 11, p. 175-218, 2008.